



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

GEANE VIEIRA DE OLIVEIRA

**DA FÁBULA TRADICIONAL À FÁBULA MODERNA: VARIANTES DO
TEXTO DE “A RAPOSA E AS UVAS”**

GUARABIRA – PB

2013

GEANE VIEIRA DE OLIVEIRA

**DA FÁBULA TRADICIONAL À FÁBULA MODERNA: VARIANTES DO
TEXTO DE “A RAPOSA E AS UVAS”**

Artigo científico apresentado ao curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, como exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Marilene Carlos do Vale Melo

GUARABIRA – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

O526f Oliveira, Geane Vieira De

Da fábula tradicional à fábula moderna: variantes do texto de “a raposa e as uvas” / Geane Vieira de Oliveira. – Guarabira: UEPB, 2013.

19 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Dr^a. Marilene Carlos do Vale Melo.

1. Fábula Clássicas 2. Intertextualidade 3. Leitura I.
Título.

22.ed. CDD 028

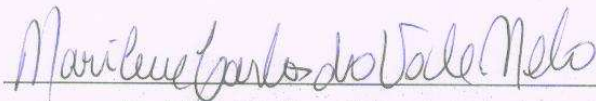
GEANE VIEIRA DE OLIVEIRA

**DA FÁBULA TRADICIONAL À FÁBULA MODERNA: VARIANTES DO
TEXTO DE “A RAPOSA E AS UVAS”**

Artigo científico apresentado ao curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, como exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Aprovado em: 28 de agosto de 2013

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Marilene Carlos do Vale Melo (UEPB) 07 0852904-63

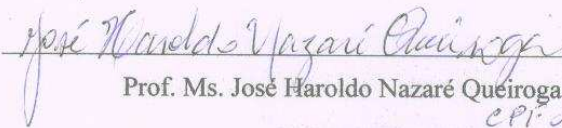
(ORIENTADORA)



Prof. Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda (UEPB)

(EXAMINADORA)

CPF: 025.071614-34



Prof. Ms. José Haroldo Nazaré Queiroga (UEPB)

(EXAMINADOR)

CPF: 086936684-04

GUARABIRA-PB

2013

DA FÁBULA TRADICIONAL À FÁBULA MODERNA: VARIANTES DO TEXTO DE “A RAPOSA E AS UVAS”

Geane Vieira de Oliveira

RESUMO

Viajando pelo velho e pelo novo, desde os mais remotos tempos na antiga Grécia, de lá trouxemos as fábulas clássicas para o mundo moderno, apresentadas em versões criativas, engraçadas, inovadoras. Selecionamos para este estudo, a fábula de Esopo “A raposa e as uvas” e as suas versões escritas por Fedro, La Fontaine, Monteiro Lobato, Millôr Fernandes e Jô Soares. A partir do texto mais antigo, buscamos identificar as variações que cada versão sofreu em cada época que foi escrita. Para tanto, apoiamos-nos em teorias que versam sobre intertextualidade, que permitem a comparação das versões, destacando, o enredo, as personagens, a moral da fábula, figuras e temas apresentados.

Palavras-chave: Fábula, Intertextualidade, Moral, A raposa e as uvas.

INTRODUÇÃO

A tradição literária é uma fonte muito rica e abundante de recriações de reproduções pré-existentes, de maneira que é possível encontrar inúmeras particularidades a partir das releituras de textos tradicionais, considerando que a releitura do passado explica o presente. Neste contexto, está a fábula, cujas origens se perderam no tempo, mas continuam presentes na atualidade, mantendo suas características principais. Ela representa a necessidade do homem de ensinar a verdade aos leitores ouvintes, de maneira sutil e indireta. A existência de várias versões da fábula “A raposa e as uvas”, reescritas em diferentes épocas, permite o estudo comparado das diferentes versões de autores nacionais e internacionais, tais como: Esopo, Fedro, La Fontaine, Monteiro Lobato, Millôr Fernandes e Jô Soares, partindo da versão mais antiga, de Esopo, destacando a evolução do texto até às modernas versões.

O objetivo deste trabalho é fazer a comparação das diferentes versões, para identificar as variantes dos textos.

O estudo está dividido em cinco partes, organizados da seguinte maneira: a primeira parte, trata da questão da Relação Intertextual que serve de base teórica para o estudo comparado das versões da fábula “A raposa e as uvas”; a segunda parte refere-se à origem das fábulas, à sua trajetória milenar e suas características, além de algumas considerações sobre

cada autor referido, na terceira parte, está a descrição dos textos referidos; na quarta parte, está o estudo comparado das versões tradicionais e na quinta, está o estudo comparado das versões modernas.

A ênfase do estudo é o levantamento das variantes do texto da fábula “A raposa e as uvas”, nos textos tradicionais escritos por Esopo, Fedro e La Fontaine e nas versões modernas de Monteiro Lobato, Millôr Fernandes e Jô Soares. A partir do texto de Esopo, o cotejo permite destacar, também, os valores morais presentes na fábula, trazendo-os do passado para identificá-los nos textos modernos.

Destacamos, como cada texto se apresenta em relação ao enredo, aos personagens, à moral, o comportamento humano, enfim, aos aspectos particulares que os caracterizam como produções inseridas no contexto literário-cultural da época em que foram escritas. Para tanto, apoiamos-nos em teorias modernas que versam sobre intertextualidade, especialmente a defendida por Júlia Kristeva.

1-RELAÇÃO INTERTEXTUAL

A raiz latina do termo, segundo o dicionário eletrônico Houaiss, é: inter (no interior de dois) + texto [Textus] (fazer tecido, entrelaçar). Enfim, através deste entrelaçamento, podemos entender como a obra literária se interliga com outras obras, formando elos de uma infundável corrente que é notável, em todos os períodos da literatura.

A Intertextualidade é um processo extraordinário recursivo presente na linguagem humana. Esse processo se revela quando, no processo de produção e compreensão de um determinado texto, são identificadas particularidades de um texto fonte ou de uma rede de significados reconhecida, ou seja, que já havia sido determinada e compartilhada.

O termo intertextualidade foi reutilizado por Julia Kristeva em 1969, para explicar o que Mikhail Bakhtin, na década de 20, entendia por dialogismo. Kristeva concebeu o termo intertextualidade baseando-se no dialogismo de Bakhtin, na medida em que é permitido observar-se em qualquer texto ou discurso artístico um diálogo com outros textos e também com o público que o valoriza. Segundo Julia Kristeva, “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto” (Kristeva, 1974, p.64).

Falar de intertexto e de literatura comparada exige, primeiramente, perceber de ao lermos o texto (B), identificar aspectos do texto (A). Este entrelaçamento de “vozes” notadas ou brevemente transparentes é algo que decorre a escrita, e, em especial, a literatura, ao longo de todos os séculos. Portanto, temos sempre presente o conhecimento de hipotexto como um

texto primeiro, antecedente ao nosso texto atual, seja ele qual for. Na verdade, a referida transparência tem, muitas vezes, uma relação direta como um conjunto de conhecimentos que o leitor possui, ou seja, com o seu conhecimento prévio de mundo.

É válido ressaltar que, ao longo do crescimento da literatura comparada, os avanços em pesquisa, foram subvertendo o “novo” ao velho”. Essa comparação, permitia identificar semelhanças e diferenças, ou paralelismos, ou seja, resultava em estabelecer relações de “confiança” ou ”desconfiança” no que restar. Hoje, a literatura comparada organiza-se sob um novo ângulo, compondo-se a si mesmo, apoderar-se de um passado para modificar um presente que concederá um novo sentido a esse passado, pesquisando vínculos, observando as diferenças e semelhanças existentes nos textos, identificando o enorme mosaico de estrutura desses textos, como diz Kristeva.

2- SOBRE A ORIGEM DA FÁBULA E SEUS REPRESENTANTES

A palavra latina Fábula deriva do verbo em latim *fabulare* - "conversar, narrar", e desta palavra latina - Fábula - origina-se o substantivo português "fala" e como o verbo "falar". FÁBULA = pequena narrativa em que se aproveita a ficção alegórica para sugerir uma verdade ou reflexão de ordem moral, com intervenção de pessoa, animais e até entidades inanimadas. (Moderno Dicionário de L. Portuguesa – Michaelis). São tão antigas quanto as conversas dos homens. Às vezes, nem sabemos quem as criou, pois, através da oralidade, eram carregadas como vento de um lado para outro, de cultura para cultura, de geração em geração.

Inicialmente encontrada em todas as culturas humanas e em todos os períodos históricos, através da oralidade, partiu da sabedoria popular, como ocorreu com os contos de fadas.

A fábula pode ser identificada como narrativa pequena que serve para mostrar algum costume nocivo ou condenável da conduta humana, terminando sempre em uma lição de moral. A maior parte das fábulas, para representar esses aspectos do caráter humano, tem como personagens animais ou criaturas imaginárias que agem e falam, fenômeno que pode ser chamado de antropomorfose. A fábula, segundo registros, teve origem na Grécia antiga e seu maior representante foi o “grande contador de histórias”, o escravo **Esopo** (século VI a.C.). As mais antigas fábulas foram expostas por Hesoid (700 a.C.) e Archilochos (650 a.C.). Esopo (550 a.C.) teria sido o primeiríssimo a colecionar e a divulgar as fábulas de origem indiana e grega oralmente, pois não chegou a escrever nenhuma de suas obras. Por isso, seu

nome ficou indissociável da história da fábula. E é de fácil percepção esse fato, pelo grande número e pela qualidade das suas fábulas, entre outros fatos, tais como numerosos fabulistas que, recorriam e recorrem às fábulas de Esopo, diversificando-as para reescrevê-las com características de cada época. Em relação a Esopo, não muito mais podemos relatar, pois é incerto seu tempo e, e com ele também, seus valores sócio-culturais e literários, ponto pelo qual os classicistas duvidarem de sua existência, por não haver registros de dados confiáveis de sua vida. Portanto, o modo como chegaram as suas fábulas para nós foi através de um resumo de doutrina realizado por Demétrio de Falera, em 325 a.C.

Apesar de Esopo não ter escrito nenhuma de suas narrativas, mais tarde, foram consagradas escritas por alguns autores, perante os quais se destaca o romano **Fedro**. Escritor do séc. III da era cristã. Fedro (em latim *Phaedrus*, 30/15 a.C. – 44/50 d.C.) foi um fabulista romano nascido na Macedônia, Grécia. Filho de escravos, provavelmente foi alforriado pelo imperador romano, Augusto. Seu nome completo era Caio Júlio Fedro (latim: *GaiusIuliusPhaedrus*), que se declarava extremamente admirador e imitador de Esopo. Algumas fábulas de Fedro são bem conhecidas, entre elas podemos citar: “A rã e os bois”, “A raposa e as uvas” e a conhecidíssima “O lobo e o cordeiro”. A tarefa de Fedro, fabulista da época dos imperadores Tibério e Calígula, ao adentrar no mundo da literatura, foi escrever com estilo apurado muitas fábulas de Esopo, que eram transmitidas através da oralidade. As fábulas exerciam a função de aprendizagem, para com os valores morais da sociedade. Deste modo, Fedro, como iniciador da fábula na literatura latina, escrevendo com sua nova forma suas fábulas, geralmente, retratava as injustiças, os males sócio-políticos da época, expressando a relevância dos poderosos e o fracasso dos sem poderes, satirizandoos costumes e personagens da época. Seus textos são de ordem simples, breves e divertidos, despertando sucesso desde séculos depois na Idade Média.

No século XVII, na França, La Fontaine fez uma adaptação a fábula, introduzindo-a no contexto da literatura ocidental. Escritor, poeta, além de reescrever, em versos franceses, muitas das fábulas antigas de Esopo e Fedro, também compôs suas próprias fábulas. É dele, por exemplo, a fábula mais conhecida de todo o ocidente; "A cigarra e a formiga", uma de suas fábulas mais conhecidas. Reescreveu suas fábulas a partir dos ensinamentos das fábulas orientais e latinas. Seu modo de escrever era demonstrar para a população sua forma de denúncia contra a as injustiças e misérias de seu tempo. Após este caminho percorrido, muitas histórias escritas, inicialmente, para adultos já começaram a ser adequadas para crianças, retirando delas os elementos violentos e os aspectos nocivos à educação. Localizamos duas versões de “A raposa e as uvas” escritas por ele.

Aqui no Brasil, **Monteiro Lobato** (1882-1948), possuidor de um projeto que se tratava de uma literatura brasileira voltada para as crianças e os jovens, interessou-se por este gênero inicialmente tradicional. Famoso autor da prosa brasileira moderna, publicou, no início do século XX, versões bem características de algumas fábulas de Esopo, Fedro e La Fontaine, além de apresentar algumas de sua própria autoria, por exemplo: “O burro juiz” e “A assembleia dos ratos”. Escreveu, então, o livro “Fábulas”, em 1922 no qual reconta, em prosa brasileira moderna, algumas das fábulas antigas de Esopo, Fedro e La Fontaine, e outras de sua autoria. Monteiro Lobato usou de fábulas como forma para criticar e denunciar as injustiças, tiranias, mostrando às crianças a vida como ela é de sua época. Em suas fábulas, os animais simbolizavam as ações humanas e assim podiam ser entendidas por toda a camada da população.

Millôr Fernandes, desfabulista, humorista, dramaturgo do século XX, mostrou seu humor e ironia, criando e recriando fábulas refletindo valores, satirizando a nossa realidade sócio – política – econômica em seus livros, “Fábulas fabulosas”(1964), “Novas fábulas fabulosas” (1978) dentre outras obras. No seu modo moderno de escrever narrativas, suponha que o leitor dê conta da irreverência e a ironia contidas em suas obras, ou que o leitor se torne cúmplice da história. Portanto, ele escreve para os leitores mais experientes, aqueles que já são capazes de apresentar um mínimo de discernimento, compreendendo a moralidade que está dentro nas narrativas feitas pelo escritor.

Jô Soares (1938) é humorista, apresentador de Talk Show, produtor teatral, diretor e músico. Tem muito sucesso com o Programa do Jô, programa de entrevistas com convidados diversos que comanda na Rede Globo. Jô Soares, utiliza-se do humor para mostrar, através de animai, as várias facetas do ser humano, ironizando, desfabulando a fábula de forma humorística.

Nos fatos acontecidos nas fábulas temos há algumas lições de moral que se tornaram provérbios originários de fábula como frases do tipo: “Quem desdenha quer comprar”. Até hoje esse gênero narrativo existe e por ser curto, tem o poder de prender a atenção, de entreter e deixar uma mensagem, um ensinamento para os seres humanos.

2.1- AS CARACTERÍSTICAS DAS FÁBULAS TRADICIONAL E MODERNA

Os personagens mais presentes na narrativa tradicional e moderna são: a formiga, o rato, o leão, o lobo, a raposa, a cigarra, o burro, a lebre e o corvo. São praticamente os

pensamentos e as ações que movem os personagens (animais) na trama da narrativa, que revelam características de caráter ético ou afetivo. O personagem se torna fator decisivo da efabulação, considerando-se que as fábulas tradicionais são caracterizadas de concisão e de objetividade, aproximando-se das narrativas modernas, trazendo sempre uma moral marcante. Apesar da moral depender do corpo da fábula, elas possuem relações muito semelhantes.

O ambiente existente nas fábulas tradicionais é um espaço fantasiado pela imaginação humana. É um ambiente que não se pode encontrar no mundo da realidade. Apresentando regiões ou lugares de pouco movimento humano e, na maioria das vezes, citado levemente na narrativa.

Na fábula moderna, o ambiente aparece como suporte para dar apoio à existência dos fatos e das personagens no desenrolar da narrativa.

Na fábula tradicional, o tempo é indeterminado, não expõe dia nem hora obedecendo apenas à mudança do pensamento e à sequência das palavras que se manifestam de maneira relativa, perante um determinado momento. Portanto, o tempo que ocorre a fábula não muda, se repetindo da mesma maneira, exemplo: “era uma vez; certo dia...”.

O tempo na narrativa moderna tanto pode ser cronológico, como indeterminado, podendo vir descrito o dia ou não.

Na fábula, os animais agem, conversam e argumentam como seres humanos. Essa transmissão de trocas de papéis entre animais e seres humanos é chamada de “personificação”, ou seja, uma forma de simbolizar essa inversão de papéis. Por outro lado, a antropomorfose, característica essencial na fábula, permite que os personagens-animais ganhem a forma ou a semelhança humana, simbolizando os vícios ou as virtudes dos mesmos.

Assim, como no texto a ser analisado e estudado a seguir, veremos as qualidades, que cada animal simbolicamente representa: no caso a raposa, representando a esperteza e a astúcia, por exemplo. A repetição dos mesmos personagens faz com que a figura da raposa ganhe ênfase na narrativa com praticamente ações, atributos de mesma espécie.

Segundo Coelho (1997), tanto o foco narrativo tradicional quanto o moderno, são *externos e objetivos*. *Externo*, porque o narrador não participa dos acontecimentos narrados, e *objetivo*, porque o narrador permanece sem participar, mas também não influencia na subjetividade das personagens. O foco é em terceira pessoa. Conforme a norma os animais, contracenam na fábula. O que realmente importa é o diálogo e não a quantidade dos animais presentes, bastando, apenas, ter dois animais, no máximo, para expor o objetivo do texto narrativo.

Tanto na narrativa tradicional quanto na moderna, inicia-se a efabulação como motivo central da estória. Os acontecimentos se sucedem em narrativas tradicional e moderna de forma linear e não linear, transformando experiências do passado nas do presente. Como exemplo, existem versões das fábulas, desde Esopo até as dos dias atuais com Jô Soares.

Na narrativa tradicional esta presente a voz de um *narrador contador de estórias*, aquele que ouve as estórias, as memoriza e transmite-as para outras pessoas, tornando-se mediador durante o passar dos tempos, utilizando o discurso direto em suas narrativas, inicialmente orais. Enquanto na narrativa moderna a voz presente é a do narrador em primeira pessoa ou do narrador onisciente, em terceira pessoa que se mostra, cada vez mais, familiarizado com a narrativa.

3- AS VERSÕES TRADICIONAIS DE ESOPHO, FEDRO E LA FONTAINE

As versões tradicionais apresentam uma relação direcionada puramente a uma lição de moral. Os animais representam personagens com emoções e sentimentos humanos, servindo, ao mesmo tempo como forma de entretenimento. Além de contar uma história narrada, ao mesmo tempo, a fábula tem a função de apoiar um ensinamento, proporcionando uma reflexão para os homens a pensar antes de agir.

Esse caráter pedagógico dado à fábula é, geralmente, organizado em duas partes: a primeira apresenta a história narrada propriamente dita, que se passa num mundo imaginário, em que as personagens são animais; na segunda, está a moral da história, e por fim, unimos o significado do que foi exposto narrado, indo rumo a sua interpretação. A fábula, por sua vez explicita a moral separada da história. Proporcionando ao leitor a diferença visível entre a primeira e a segunda parte. Portanto, é comum depararmos com expressões do tipo “Moral” ou “Esta fábula nos ensina que...” ou “A fábula mostra que...”, indicando, dessa maneira que, ao anunciar tais expressões, o leitor rapidamente irá entender que a moral do texto será abordada logo em seguida, podendo ser transformado em ditado popular ou provérbios usado por determinadas pessoas da sociedade, para também explicar o ensinamento moral.

COELHO (1991, p. 285) relata que as narrativas tradicionais apresentam elementos ou valores, destacando que essas sociedades usam o sistema educacional e determinados meios práticos para transmitir os ideais, as experiências e os valores tradicionais para transmiti-los de uma geração para outra.

4- AS VARIANTES DAS VERSÕES DE “A RAPOSA E AS UVAS”: CARACTERIZANDO A FÁBULA

A narrativa em cada texto se mostra diversa, de acordo com a especificidade dos autores.

1- Primeiro texto escrito da fábula de **ESOPO**

“A RAPOSA E AS UVAS”

Uma raposa entrou faminta num terreno onde havia uma parreira, cheia de uvas maduras, cujos cachos se penduravam, muito alto, em cima de sua cabeça. A raposa não podia resistir à tentação de chupar aquelas uvas, mas, por mais que pulasse, não conseguia abocanhá-las. Cansada de pular, olhou mais uma vez os apetitosos cachos e disse:

_ Estão verdes...

Moral: É fácil desdenhar daquilo que não se alcança.

A versão de Esopo de “A raposa e as uvas” é um texto curto, apresentando uma personagem que narra, com exatidão, as ações ocorridas, sugerindo normas de conduta que são demonstradas pela ação dos animais, as quais revelam com rigor as várias faces do ser humano.

No texto de Esopo, a narrativa revela preocupação com a permanência da ordem estabelecida moralmente. Portanto, o *bem* sempre deve ser imitado, e o *mal*, provavelmente rejeitado. A presença dos animais nas fábulas constitui elemento importante. Porém, se dar essa importância por se tratar de uma época que, por volta do século XVIII a. C., na Suméria, havia um âmagos estreitamente ligado entre homens e animais. Acreditava-se, a partir dessa ligação, que fosse de mais rápida assimilação da moral, sugerindo através das histórias em que os animais apresentavam características humanas, proporcionando o entretenimento para se tornar um ensinamento ou uma lição de moral.

Esopo partia sempre, em seus escritos, da cultura popular utilizando-se das histórias para criticar as pessoas que se achavam incapazes diante dos valores da sociedade da época, sempre demonstrava que o bem poderia ser imitado e o mal teria que ser rejeitado. Foi um grandioso sábio que viveu na Antiguidade; suas fábulas eram sempre recheadas de ensinamento moral retratando o fato do homem personificado pelos animais (personagens),

vozes cheias de sabedorias, animais que representam alguma qualidade ou defeito do ser humano permitindo a antropomorfose e recebendo símbolos humanos, como por exemplo: a imagem que a raposa representa na fábula é a da astuta, inteligente, além de apresentar no caráter moral um fundo didático explanando a forma de agir dos homens. Seus textos têm uma linguagem estilística, irônica, figurada, que não caem no vazio. (PORTELLA, 1983, P. 131).

Através dos animais, e da narrativa de Esopo escrita na Antiguidade, identificamos a referência às uvas, baseada na racionalização e na autodefesa. Ficam, então, expostos traços de uma conduta, lição que remeteu aos antigos, como modo para explicarem a vida e a natureza humana daquela época, ou seja, a percepção do que era certo e errado, em forma de ensinamento moral.

VERSÃO DE FEDRO

A Raposa e as Uvas

O soberbo finge desprezar o que não pode conseguir.

Faminta, uma raposa bracejava

Para d'úvas um cacho agadanhar

D'alta parreira que sobre ela estava,

E neste afã pulava a bom pular.

Como, porém, baldado fosse o intento

De atingir o manjar que a seduzia,

Parou cansada, e neste quebrantamento

Foi-se afastando, enquanto assim dizia:

-“Inda bem que estão verdes; não as quero:

Travam como de fel; não as tolero.”

Aqueles que improperam maldizentes

Do que fazer não podem, neste espelho

Deverão remirar-se, conscientes

De haverem desprezado o bom conselho. (FEDRO, 2001, p. 145)

A versão exposta acima trata de uma raposa faminta que vê belas uvas. Desejou, então, comê-las, mas não conseguiu alcançá-las. A raposa não tinha competência

(incapacidade) para entrar em contato com o alimento. Ao invés de reconhecer essa falta de competência, preferiu desqualificar e desprezar o objeto desejado, dizendo que as uvas estavam verdes. Há aqui uma discordância entre o discurso e a realidade. Portanto a desqualificação de um objeto esconde a incapacidade para obtê-lo.

Tanto Esopo, como Fedro enuncia a moral, acusando as pessoas que tratam com desdém o que não podem alcançar. A principal diferença entre os textos latino e grego, [e a linguagem com requinte que permite o fazer de inversões cuidadosas, utilizando-se da métrica e ritmo (não fazendo uso de rimas, já que esse é um recurso desconhecido aos antigos romanos) para inverter o grau da fábula.

LA FONTAINE- localizamos duas versões da fábula

- **A versão 1:**

A raposa e as uvas

Certa raposa, quase morta de fome, viu, no alto de uma parreira, umas uvas que pareciam maduras. De bom grado as comeria, mas, como não podia alcançá-las, disse:

- Estão verdes, não prestam, só os cães as podem tragar!

Eis, porém, que cai uma folha. Pensando que era uma uva, mais do que depressa volta o focinho.

E quantos são assim na vida: desprezam, desvalorizam o que não podem conseguir. Mas basta uma pequena esperança, uma mínima possibilidade para que virem, como a raposa, o focinho. Olhem à volta, que vós os encontrareis em grande quantidade.

LA FONTAINE, Jean de. Fábulas de La Fontaine, 1957. p. 63.

- **A versão 2:**

A Raposa e as uvas

Certa raposa astuta, normanda ou gascã, quase morta de fome, sem eira nem beira,

*andando à caça, de manhã,
passou por uma alta parreira
carregada de cachos de uvas bem maduras.
Altas demais - não houve impasse:
"Estão verdes. . . já vi que são azedas, duras. . ."
Adiantaria se chorasse? (LA FONTAINE, 1989, p. 211)*

Aqui a forma figurada e a simbólica atribuídas aos animais ganham mais destaque com sua estrutura enriquecida, aumentando, também, o valor pela musicalidade e pelo aspecto formal, consideravelmente, porque foi com La Fontaine que a fábula passou a ser considerada e conhecida como literatura infantil, um marco importantíssimo. A mudança de público-alvo foi o ponto de partida para a dedicatória que La Fontaine faz, no início de sua obra, ao Delfim 4, onde são usadas artimanhas com possíveis objetivos de prender a atenção das crianças. Já em Fedro, há certa perspicácia com a forma da fábula, no entanto não na mesma dimensão que encontramos no francês La Fontaine.

5- VERSÕES MODERNAS

Influenciado pelos fatos de sua época, renovados a cada século, o homem, procurou se renovar, reformulando sua história, que chega às vezes a mudar a sua perspectiva. Desse modo, alguns escritores acabaram mudando os valores contidos na primeira versão da fábula de origem, como é o caso das fábulas modernas que iremos analisar neste próximo tópico.

Além da mudança no modo de narrar, notamos diferenças no remate da fábula e da moral, que é, agora, de novo valor. Surgem as diferentes verdades que, em determinado momento, se adaptam aos interesses de cada um, expressando uma possível mudança de valores sociais nos séculos. Nas versões atuais, as fábulas são encontradas em diferentes e criativas formas de linguagem, o que mostra também a inversão de valores literários da época. Contudo, a fábula moderna preserva todo vigor que vem apresentando desde os tempos antigos.

MONTEIRO LOBATO

A Raposa e as Uvas

Certa raposa esfaimada encontrou uma parreira carregadinha de lindos cachos maduros, coisa de fazer vir água à boca. Mas tão altos que nem pulando.

O matreiro bicho torceu o focinho.

- Estão verdes - murmurou. - Uvas verdes, só para cachorro.

E foi-se.

Nisto deu o vento e uma folha caiu.

A raposa ouvindo o barulhinho voltou depressa e pôs-se a farejar. . .

Quem desdenha quer comprar. (LOBATO, 1994, p.58)

Monteiro Lobato, em seu livro *Fábulas* (1922), com forma de caráter próprio, expõe a atitude da raposa: estende a narrativa da fábula, comprovando que realmente o animal comeria as uvas, se pudesse alcançá-las, sem restrições. A facilidade do entendimento da moral pelo leitor deve-se primordialmente ao público infantil que Lobato tinha almejado. Diferente de outras versões mais recentes, nesta está a interpretação do leitor, pois o autor, ao fazer a raposa voltar e procurar as uvas que poderiam ter caído com o vento, não dúvidas quanto à incapacidade do animal de executar suas ações e seus sentimentos a favor de seu impulso.

MILLÔR FERNANDES

A Raposa e as uvas

De repente a raposa, esfomeada e gulosa, fome de quatro dias e gula de todos os tempos, saiu do areal do deserto e caiu na sombra deliciosa do parreiral que descia por um precipício a perder de vista. Olhou e viu, além de tudo, à altura de um salto, cachos de uvas maravilhosos, uvas grandes, tentadoras. Armou o salto, retesou o corpo, saltou, o focinho passou a um palmo das uvas. Caiu, tentou de novo, não conseguiu. Descansou, encolheu mais o corpo, deu tudo que tinha, não conseguiu nem roçar as uvas gordas e redondas. Desistiu, dizendo entre dentes, com raiva: "Ah, também, não tem importância. Estão muito verdes." E foi descendo, com cuidado, quando viu à sua frente uma pedra enorme. Com esforço empurrou a pedra até o local em que estavam os cachos de uva, trepou na pedra, perigosamente, pois o terreno era irregular e havia o risco de despencar, esticou a pata e...

conseguiu ! Com avidez colocou na boca quase o cacho inteiro. E cuspiu. Realmente as uvas estavam muito verdes !

MORAL: A FRUSTRAÇÃO É UMA FORMA DE JULGAMENTO TÃO BOA COMO QUALQUER OUTRA. (FERNANDES, 1978, p.65)

Millôr Fernandes, com sua ironia, apresenta uma versão renovada de *A raposa e as uvas*, alterando tanto o remate, quanto o sentido da moral da fábula. A contingência de olhar para o mesmo texto e ver princípios discordantes, mostra uma alteração, ou relação dos valores éticos entre as diferentes épocas.

Na versão de Millôr Fernandes, há uma afinidade direta entre a moral presente na narrativa e os princípios que compõem o enredo do texto. Isso pode ser demonstrado, no momento da narrativa, nos quais a raposa realiza várias tentativas de conseguir o objeto almejado: o cacho de uvas e seu fracasso nas diversas tentativas. Na primeira situação, o animal propõe o fracasso ao estado de amadurecimento da fruta, não aceitando, de forma nenhuma, a sua incapacidade de conseguir alcançá-la. Seguidamente, se propõe mais uma tentativa e, finalmente, consegue atingir o seu objetivo, que eram as uvas. Entretanto, a raposa astuta, ao pegar no cacho de uvas, percebeu que as mesmas estavam verdes. A constatação evidencia que sua frustração associa-se ao sentimento de fracasso de antigamente. O texto narrativo moderno, de Millôr Fernandes, segue a fábula tradicional até certo momento, isto é, a raposa quando viu as uvas, tentou alcançá-las, não conseguiu, pois demonstrou incapacidade para alcançá-las. Por não reconhecer sua incapacidade, desqualifica o objeto dizendo: *"Ah, também, não tem importância, estão muito verdes."* Nessa situação, termina a sequência da fábula tradicional. Continuando a fábula de Millôr. Prossegue a raposa quando estava indo embora, viu uma pedra enorme. Empurrou-a com sacrifício até o local em que estava o parreiral, subiu na pedra, esticou a pata, e conseguiu alcançar as uvas; com avidez, colocou quase o cacho inteiro na boca e cuspiu, porque as uvas estavam na realidade verdes. Nesse caso, a pedra simboliza a imagem do conseguir alcançar. A segunda situação da fábula mostra uma adaptação entre a linguagem e a realidade. A linguagem da raposa sobre o objeto almejado não é simulada, é um fato verídico. A moral adentra essa adaptação, ao afirmar que *"a frustração é uma forma de julgamento tão boa como qualquer outra"*. (Millôr Fernandes, 1975).

É significativo atinar que, diferente das fábulas anteriores, aqui a raposa segue seu objetivo e consegue o final satisfatório, para então descobrir que seria melhor não ter

persistido. O que temos em algumas versões que a raposa se torna um animal desacreditado que desistiu de seus objetivos, é um animal que não aceita a sua incapacidade, o que fica evidente na imagem negativa do animal, simbolicamente representada, não por se tratar de ter desistido, mas por não ter confiado no seu julgamento anterior, trazido pelo fracasso de suas tentativas.

Millôr Fernandes, por sua vez, para narrar os fatos adota, o narrador em terceira pessoa e sua narrativa é autônoma, mas é vinculada a uma obra com textos do mesmo gênero: Fábulas fabulosas. De certa forma, Millôr inverte o caráter exemplar da fábula tradicional. Onde alguns elementos se mantêm; outros são acrescentados e outros, completamente distorcidos.

A versão de JÔ SOARES

Desfabulando A RAPOSA E AS UVAS

Passava certo dia uma raposa perto de uma videira. Apesar de normalmente nunca se alimentar de uvas, pois se trata de um animal carnívoro e não vegetariano - o que nos faz desconfiar um pouco da fábula original -, sua atenção foi chamada pela beleza dos cachos que reluziam ao sol. Fenômeno estranhíssimo, uma vez que, geralmente, para desespero dos ecologistas, dos adeptos de alimentos naturais, toda fruta cultivada é revestida por uma fina camada protetora de inseticida e dificilmente pode refletir a luz solar com tal intensidade. Sendo curiosa e matreira, como toda raposa matreira e curiosa, aproximou-se para melhor observar a videira. Os cachos estavam colocados muito acima de sua cabeça, e o animal (sem insulto) não teve oportunidade de prová-los, mas, sendo grande conhecedor de frutas, bastou-lhe um olhar para perceber que as uvas não estavam maduras.

"*Estão verdes*" - disse a raposa, deixando estupefatos dois coelhos que estavam ali perto e que nunca tinham visto uma raposa falar.

Aliás, depois dos últimos acontecimentos envolvendo gravadores ocultos, as raposas andavam cada vez mais caladas. Na verdade, seu comentário foi ainda mais espantoso, uma vez que as uvas não eram do tipo moscatel, mas sim pequeninas e pretas, podendo facilmente serem confundidas, à primeira vista, com jabuticabas. Note-se por esse pequeno detalhe aparentemente sem importância o profundo conhecimento que a raposa tinha de uvas ao afirmar, com convicção, que, apesar de pretas, elas eram verdes.

Dito isto, afastou-se daquele local. Horas depois, passa em frente à mesma videira outra Canisvulpes (nome mais sofisticado do mesmo bicho), mais alta do que a primeira. Sua

cabeça alcança os cachos e ela os devora avidamente. No dia seguinte ao frutífero festim, o pobre bicho acorda com lancinantes dores estomacais. Seu veterinário, chamado imediatamente, diagnostica uma intoxicação provocada por farta ingestão de uvas verdes.

Moral: "Nem todas as raposas são despeitadas".

(SOARES, 1992) Revista Veja10/04/92, p. 13.

A versão de “A raposa e as uvas”, escrita por Jô Soares, é mais um exemplo da fábula onde a raposa não consegue as esperadas e convidativas uvas. Jô Soares usa a ironia de tal maneira que o leitor, de sente na liberdade tanto acreditar na verdade da fala da raposa, como rejeitá-la, acreditando ser esse fruto do desdém do animal. É relevante o papel da ironia presente na fábula moderna, recurso não utilizado pelos fabulistas clássicos, pois é a objetividade da fábula moderna que, mais uma vez, compara a moral. É de suma importância notar a “desfabulação” nesse texto: Jô Soares, ao questionar elementos característicos da fábula, como os animais falarem e a ambição da raposa pelas uvas, deu divertimento e humor ao texto, que perde o efeito moral, características do gênero na versão original tradicional de Esopo. Procurou, o autor, um modo de provocar ironias, desmistificando características do gênero, baseando-se em traços da época de hoje.

O texto de Jô Soares é também uma crítica que se faz ao comportamento e conhecimentos humanos, confirmada com a moral da história:” *Nem todas as raposas são despeitadas*”, vem evidenciar que algumas raposas desistem e menosprezam algo que não conseguem alcançar, tentam se não conseguem, desanimam e desistem de alcançar o objetivo, sendo totalmente despeitadas, enquanto outras raposas tentam e tentam mais uma vez, até chegar ao seu objetivo almejado. Isto revela que, na fábula, há um ponto de semelhança entre a realidade humana e a situação vivida pelas personagens, no caso, a raposa, com o objetivo de provar alguma verdade instituída(lição moral), como fica bem às vistas nessa versão de Jô Soares, em se tratando da frase que encerra a lição de moral, ficando claro o objetivo de que nem todas as pessoas são iguais, pensam do mesmo modo, porque uns agem de uma maneira outros agem de outra forma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura dessas narrativas permitiu identificar as variações que a versão original sofreu, o quanto foi renovado, apresentando aspectos novos com a inclusão de referentes ao tempo e ao espaço. Essa diferença ocorre, sobretudo, no contexto socio-histórico em que foram escritos.

A partir das exposições feitas neste trabalho, identificamos as mudanças ocorridas em cada texto escrito em épocas diferentes, que buscaram dar novo aspecto às fábulas. Esopo procurou colocar no texto formas de condutas que eram transmitidas pela ação dos animais; em Fedro, a fábula é tomada por texto que relata uma moral, tratando de expressar os males sociais ou políticos da época; La Fontaine, em seu texto, denuncia as misérias e as injustiças de sua época. Na modernidade, os animais ganharam mais ênfase, começando por Monteiro Lobato que expõe a incapacidade do animal e seus sentimentos em relação às suas ações; Millôr veio, com o seu texto, alterou tanto o desfecho quanto a moral da fábula. Por fim, Jô Soares, que mostrou toda a sua ironia e crítica ao comportamento humano, quando deixa bem claro, na moral, de sua fábula que “*Nem todas as raposas são despeitadas.*”

No geral, a reeleitura dos textos modernos, permitem ao leitor perceber novos aspectos interpretativos da moral. “*A moral da história tem a desvantagem de impor a interpretação da leitura, condicionar a leitura. Sem a moral, o leitor tem a obrigação de remontar o sentido, algum sentido, o que faz com que apareçam múltiplas interpretações. Entra em jogo a inventividade do leitor, que vai entender a história de acordo com suas posições.*” (SCHÜLER, 2004).

Quanto ao remate que a modernidade deu ao texto de *A raposa e as uvas*, manifesta a concepção crítico-social atual, que transparece na linguagem corrompida do ditado popular “*querer é poder*”, enquanto que as leituras clássicas parecem incidir no provérbio “*quem desdenha, quer comprar*”. O foco moderno parece mudar do desprezo da personagem da sua (in)capacidade de atingir um objetivo, para a ironia. Também se faz presente no texto moderno a troca do valor moral que a fábula carrega, propiciando versões em que a raposa conseguiu, de fato, as uvas.

REFERÊNCIAS

MICHAELIS. **Moderno Dicionário de Língua Portuguesa**. Disponível em www.biblioteca.uol.com.br.

SOARES, Jô Soares. **Desfabulando: Raposa e as Uvas**. Revista Veja:1º/abril/1992.

PORTELLA, O. A. **A fábula**. **Revista Letras**. Curitiba: Vicentina, 1983.

LOBATO, M. **Fábulas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LA FONTAINE, Jean de la. **Fábulas de La Fontaine**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

FERNANDES, Millôr. **Fábulas fabulosas**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1978.

COELHO, N. N. **Panorama Histórico da Literatura Infantil Juvenil**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991. 285 p.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1997. 247 p.

FEDRO. **Fábulas**. Trad. Samuel Pfromm Netto. Campinas: PNA, 2001.

SCHÜLER, Donaldo. Entrevista. **Revista Paradoxo**, 11/06/2004. Disponível em <http://www.revistaparadoxo.com/materia.php?ido=1087>

<http://www.google.com.br>